



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Nádia Teixeira Marques

ESTUDO QUALITATIVO ACERCA DA PERCEÇÃO DOS
JOVENS QUE PARTICIPARAM NO ENSAIO CLÍNICO
SOBRE A EFICÁCIA DO PSYCHOPATHY.COMP:
HISTÓRIA PRÉVIA ATÉ AO PRIMEIRO CONTACTO COM O
SISTEMA DE JUSTIÇA JUVENIL

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Forense orientada pela
Professora Doutora Diana Ribeiro da Silva e apresentada à Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Julho de 2024

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra

Estudo qualitativo acerca da perceção dos
jovens que participaram no ensaio clínico
sobre a eficácia do
PSYCHOPATHY.COMP: história prévia
até ao primeiro contacto com o sistema de
justiça juvenil

Nádia Teixeira Marques

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica Forense orientada pela
Professora Doutora Diana Ribeiro da Silva e apresentada à Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

julho de 2024



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Diana Ribeiro da Silva por todo o apoio e disponibilidade prestados, mas sobretudo pelo exemplo de profissional que é. Foi um gosto poder partilhar esta caminhada e aprender com alguém tão bom.

À Doutora Isabel Dias e à Doutora Maria João Melo, por me terem recebido de braços abertos, por todas as partilhas, por todos os momentos, pelos meses fantásticos que me proporcionaram.

À minha Maria Teresa, por todo o apoio, por todas as conversas à distância, por nunca duvidar de mim, por todo o carinho e amor e por todo o capital injetado para que este sonho pudesse ser concretizado.

À Lila, por toda a preocupação e por me receber sempre com o melhor sorriso do mundo.

À Yara e ao Rafael, por todo o carinho, todas as brincadeiras e todo o amor.

À Tatiana, por todos os momentos, risos, choros, abraços e por ter sido casa e família tão longe da minha.

À Filipa, por ser o meu porto seguro, por não deixar que a distância nos vença e por estar sempre comigo.

À Kristel, por ser o melhor exemplo de companheirismo, por todas as tardes de trabalho, por todos os momentos felizes e por tornar esta experiência ainda mais bonita.

À Francisca, por todo o apoio e pela companhia neste último ano.

À Beatriz e à Mafalda, por me receberem com tanto carinho sempre que volto para elas, por me lembrarem que existe um mundo lá fora e por cuidarem de mim.

Ao Afonso, pela presença incondicional, por todo o carinho e por nunca

deixar de acreditar em mim.

A todos, por me acolherem e receberem sempre com muito carinho.

Obrigada por fazerem parte deste percurso comigo.

Aos dois mais a Norte, por tudo. É por e para vocês.

Resumo

Apesar da vasta literatura sobre os fatores de risco e de proteção para o aparecimento e manutenção de comportamentos antissociais severos na adolescência, são escassos os estudos que se debruçam sobre a perspectiva dos próprios jovens nesta problemática. Este estudo, de desenho qualitativo, visa colmatar esta lacuna na literatura e tem como objetivo compreender a percepção que os jovens anteriormente detidos nos centros educativos nacionais têm, na atualidade, acerca da sua história prévia até ao primeiro contacto com o sistema de justiça juvenil (SJJ). Paralelamente, avalia de que forma o PSYCHOPATHY.COMP influenciou essas mesmas percepções. A amostra é constituída por oito jovens, aleatoriamente selecionados dos participantes do ensaio clínico sobre a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP (ClinicalTrials.gov ID: NCT03971682; $n=8$ do grupo de tratamento). Os participantes responderam às questões de uma entrevista semiestruturada que abordou o seu percurso de vida até ao primeiro contacto com o SJJ. As entrevistas foram transcritas e analisadas utilizando a Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI). Os resultados indicaram que, pelo menos, metade dos jovens cresceu em ambientes familiares hostis pautados pela ausência dos progenitores. Grande parte dos jovens evidenciaram absentismo escolar e passagem por diversas instituições. O PSYCHOPATHY.COMP influenciou positivamente a percepção que os jovens exibem sobre as suas vivências, promovendo sentimentos de compreensão. A participação no programa promoveu sentimentos de acompanhamento e apoio, derivados da relação terapêutica estabelecida.

Palavras-chave: PSYCHOPATHY.COMP, comportamento antissocial, jovens agressores, história prévia, sistema de justiça juvenil.

Abstract

Despite de vast literature on risk and protective factors for the appearance and maintenance of severe antisocial behavior in adolescence, there are few studies that focus on the perspective on young people themselves on this issue. This study, with a qualitative design, aims to fill this gap in literature and aims to understand the perception that young people, previously detained in national juvenile detention facilities, currently have about their history prior to their first contact with the juvenile justice system (JJS). At the same time, it evaluates how PSYCHOPATHY.COMP influenced those same perceptions. The sample consists of eight youths, randomly selected from the participants of the clinical trial on the effectiveness of PSYCHOPATHY.COMP (ClinicalTrials.gov ID: NCT03971682; $n=8$ from the treatment group). The participants answered the questions of a semi-structured interview that addressed their life path until the first contact with the JJS. The interviews were transcribed and analyzed using Interpretative Phenomenological Analysis (IPA). The results indicated that, at least, half of the youths grew up in hostile family environments marked by the absence of parents. Most youths showed feelings of abandonment, school absenteeism and went through various institutions. The PSYCHOPATHY.COMP positively influenced the perception that youths exhibit about their experiences, promoting feelings of understanding. The participation in the program promoted feelings of accompaniment and support, due to the therapeutic relationship established.

Keywords: PSYCHOPATHY.COMP, antisocial behavior, young offenders, previous history, juvenile justice system.

Índice

Estado da arte	1
Comportamento antissocial.....	1
Traços psicopáticos	3
Intervenções psicoterapêuticas	4
Objetivos	7
Descrição detalhada	7
Desenho do estudo.....	7
Amostra.....	8
Instrumentos.....	8
Intervenção	9
Procedimentos	11
Análise de dados	14
Resultados	14
Discussão	25
Limitações e estudos futuros	30
Conclusão	31
Bibliografia	32
Anexo 1	46

Índice de tabelas

Tabela 1 – Temas e citações descritivas da percepção das experiências dos jovens até ao primeiro contacto com o SJJ**21**

Tabela 2 – Temas e citações descritivas da percepção das experiências dos jovens no programa PSYCHOPATHY.COMP**24**

Estado da arte

Comportamento antissocial

O comportamento antissocial é caracterizado por um padrão de ações relacionado com a prática de atos de relevância jurídico-penal e por outros comportamentos que atentam às normas sociais, i.e., fugir de casa, absentismo escolar, desobediência a figuras de autoridade, entre outros (Azeredo et al., 2019). A literatura apresenta convergências entre as experiências adversas na infância e o comportamento antissocial na adolescência. Dentro destas vivências inserem-se os diversos tipos de abuso (sexual, físico e emocional), a negligência, a exposição à violência doméstica, pais separados ou divorciados, baixo calor e afeto na relação com os pais e consumo de álcool e/ou outras substâncias (Pinto et al., 2015; Merrick et al., 2018; Miley et al., 2020; Wolff et al., 2018). Ter pais que apresentem comportamentos antissociais também são fatores que estão positivamente associados a comportamentos desviantes na adolescência (Jones & Pierce, 2020). Jovens que tenham sido agredidos pelos pais apresentam quase 3 vezes mais probabilidade de ser violentos para com os outros do que jovens que não tenham tido essas experiências passadas (Manzoni & Schwarzenegger, 2019). Apesar destas evidências, existe uma escassez de estudos que se foquem na perspectiva dos próprios jovens relativamente à sua história precoce. Este tipo de estudos revela-se fundamental, uma vez que a percepção dos próprios jovens pode dar pistas importantes sobre a forma como estes experienciaram a sua trajetória de vida, com potencial impacto nas políticas de prevenção e reabilitação do comportamento antissocial na infância e na adolescência.

Num estudo qualitativo com jovens americanos detidos (n=20), estes identificaram alguns fatores de risco para o desenvolvimento e manutenção do seu padrão de comportamento antissocial (Barnert et al., 2015). O lar foi descrito como

sendo pautado pela violência e pela falta de coesão familiar. Na escola os jovens referiram a presença de *gangs* e experiências de *bullying* e identificaram a sua vizinhança como sendo pouco saudável devido à presença de *gangs*, tiroteios e homicídios. O último fator identificado foi a pressão social sentida para agir de forma a agradar aos pares (Barnert et al., 2015). Apesar de relevante, a amostra deste estudo é constituída apenas por participantes de uma área urbana específica dos Estados Unidos da América, pelo que não é representativa da realidade daquele país, nem tão pouco da realidade nacional/europeia.

Um estudo quantitativo com jovens da Malásia (n=279) revelou resultados significativos considerando as relações familiares como um preditor da delinquência juvenil. As relações familiares são descritas pela forma como os membros da família interagem entre si, pelo estilo de supervisão dos pais para com os jovens e o nível de preocupação e confiança existente entre pais e filhos. Estas relações pobres revelaram-se como um forte preditor do comportamento antissocial, nomeadamente no que diz respeito ao abuso de substâncias, roubo, abstinência escolar, desrespeito para com professores e dificuldades na realização dos trabalhos escolares e de casa. O mesmo estudo mostra ainda que estes jovens apresentam relações escolares mais pobres. Um baixo comprometimento académico pareceu traduzir-se também como um preditor do comportamento desviante (Tan et al., 2019).

A literatura aponta como fatores de proteção para o comportamento antissocial na adolescência, expectativas positivas para o futuro (Browning & Huizinga, 1999), nomeadamente planos de prosseguir estudos no ensino superior e ainda a frequência de programas de apoio para os jovens que possam impulsionar maiores expectativas e melhores resultados a nível escolar (Barnert et al., 2021).

Traços psicopáticos

A psicopatia foi descrita por Cleckley (1988) no livro *“The Mask of Sanity”* como uma perturbação da personalidade severa na qual o sujeito aparenta manter uma “saúde mental robusta”. Neste sentido apresentou 16 características principais que caracterizariam a psicopatia e cujo foco incidia sobretudo nos traços interpessoais e afetivos desviantes da personalidade dos indivíduos. No entanto, atualmente, os traços psicopáticos são descritos em três categorias principais: 1) traços interpessoais: grandiosidade e manipulação – GM; 2) traços afetivos: frieza e insensibilidade emocional – CU e 3) traços comportamentais, nomeadamente impulsividade e irresponsabilidade – II (Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003). A literatura revela ainda que a presença de traços psicopáticos é importante na identificação de um diagnóstico de Perturbação de Comportamento (Salekin, 2017). A Perturbação de Comportamento é marcada por padrões de comportamento frequentes e persistentes em que os direitos das outras pessoas e/ou normas sociais adequadas são violados. Estes comportamentos incluem agressão a pessoas ou animais, destruição de propriedade, mentira ou roubo e violação grave das regras. Aliado a este diagnóstico existe ainda um especificador de emoções prossociais limitadas (correspondente aos traços CU) no qual o sujeito tem de preencher 2 dos seguintes 4 critérios: inexistência de remorso ou culpa, insensibilidade e falta de empatia, inexistência de preocupação relativa ao seu desempenho e afeto superficial ou deficiente (American Psychiatric Association/APA, 2013). A inclusão deste especificador surge devido à vasta literatura que evidencia que a presença destes traços se revela como um indicador de mau prognóstico e de uma apresentação mais severa da perturbação (Baskin-Sommers et al., 2015; Frick et al., 2014; Kumsta et al., 2012; Viding & McCrory, 2012).

Importa ressaltar que existe uma grande prevalência de diagnóstico de

Perturbação de Comportamento em jovens detidos e a cumprir medidas de internamento em Centro Educativo (Abram et al., 2015; Rijo et al., 2016). Estudos revelam ainda a maior presença de traços psicopáticos (GM, CU, II) em jovens detidos em comparação com jovens que apresentam comportamentos normativos (Andershed, et al., 2002; Ribeiro da Silva et al., 2019a). Jovens com mais pares com comportamentos antissociais parecem também apresentar níveis mais elevados de traços psicopáticos. Dados obtidos no Inventário de Qualidade das Relações Parentais (Conger et al., 1994) por autorrelato revelam que jovens que percecionam os seus pais como mais calorosos parecem apresentar níveis menores desses mesmos traços (Ray, 2018).

Intervenções psicoterapêuticas

Embora a literatura refira que a presença de traços psicopáticos tende a agravar o comportamento antissocial (Backman et al., 2017), são escassos os programas de intervenção desenhados especificamente para reduzir simultaneamente o comportamento antissocial e os traços psicopáticos em jovens agressores. Um desses programas é o PSYCHOPATHY.COMP (cf. Intervenções na secção dos Métodos; Ribeiro da Silva et al., 2023), um programa psicoterapêutico individual, de 20 sessões, baseado na Terapia Focada na Compaixão (CFT). O objetivo principal deste programa visa a redução dos traços psicopáticos e do comportamento antissocial através do desenvolvimento de uma mentalidade focada na compaixão, i.e., motivação para ser sensível ao sofrimento do próprio e do outro aliado à força, coragem e sabedoria para prevenir ou aliviar esse mesmo sofrimento (Gilbert, 2010; Gilbert, 2014; Gilbert & Simos, 2022; Ribeiro da Silva et al., 2019b). O programa inclui estratégias da entrevista motivacional aliadas à CFT, de forma a ultrapassar possíveis resistências ao estabelecimento de uma relação terapêutica segura e à própria mudança, frequentes nestas populações (Ribeiro da Silva et al., 2021; Steindl et al., 2018).

De acordo com a CFT, os instintos básicos do ser humano (sobreviver/evitar o sofrimento; prosperar e formar relações afiliativas) são reguladas por três sistemas de regulação emocional: *threat*, *drive* e *soothing* (Gilbert, 2005; Gilbert, 2009; Gilbert, 2010; Gilbert, 2015). O sistema de *threat* tem como função alertar e proteger de ameaças que possam existir à nossa volta, reais ou percebidas. Deste modo, este sistema tende a desencadear respostas emocionais de medo ou raiva que por sua vez produzem uma resposta comportamental perante a ameaça detetada (por exemplo, fuga ou luta). O sistema de *drive* permite experienciar sentimentos positivos, através da motivação para alcançar objetivos e experiências saudáveis com os recursos existentes. Estas experiências revelam-se fundamentais para a sobrevivência, uma vez que produzem flexibilidade a nível comportamental, satisfação das necessidades biológicas (i.e. alimentação, sexo, entre outras) e relações positivas como a amizade, por exemplo (Blum et al., 2008; Esch & Stefano, 2004). Por fim, o sistema de *soothing* está relacionado com os sentimentos de paz, calma e segurança que surgem quando o indivíduo já não se encontra perante uma ameaça ou na procura de experiências positivas. Este sistema é referido como um regulador dos dois anteriores (Gilbert, 2005; Gilbert, 2010; Gilbert et al., 2008; Porges, 2007).

Em suma, todos os sistemas de regulação do afeto são adaptativos e benéficos, no entanto, um desequilíbrio no seu funcionamento e/ou a sobre/sob ativação permanente de determinado sistema está muitas vezes na base de diversos sintomas e perturbações psicopatológicas (Gilbert, 2015; Gilbert, 2017). No caso de jovens com comportamento antissocial, estes tendem a apresentar um sobredesenvolvimento do sistema de *threat*, fruto do seu contexto desenvolvimental hostil, que requeria uma vigilância constante e uma rápida resposta de proteção (Bowlby, 1969; Burnette et al., 2007; Gilbert, 1995; Gilbert, 2005; Irons et al., 2006; Mills et al., 2010; Perry et al.,

1995; Ribeiro da Silva et al., 2012, Ribeiro da Silva et al., 2013; Schauer & Elbert, 2015; Pinto-Gouveia & Matos, 2011; Porges, 2007; Spitzer et al., 2006; Wang, 2005). Estes jovens tendem ainda a apresentar um sistema de *drive* desequilibrado, i.e., altamente focado em objetivos a curto-prazo e marcado por uma tendência pela procura de experiências prazerosas através de comportamentos de risco (Del Giudice et al., 2011; Ellis et al., 2013; Glenn et al., 2011). Por sua vez, estes jovens parecem apresentar um sistema de *soothing* pouco desenvolvido em comparação com jovens da comunidade (Sousa et al., 2022), marcado pela falta de empatia, pela frieza e insensibilidade emocional e por relações meramente superficiais (Cleckley, 1988; Cooke & Michie, 2001; Frick & Dickens, 2006; Frick & White, 2008; Hare, 1999). Em suma, de um ponto de vista evolucionário, a literatura conceptualiza que o desenvolvimento e manutenção do comportamento antissocial e dos traços psicopáticos seja uma forma adaptativa de lidar com ambientes hostis, ameaçadores e com baixa segurança, calor e afeto, marcado pela sobreativação do sistema de *threat*, pelo funcionamento desequilibrado do sistema de *drive* e pelo subdesenvolvimento do sistema de *soothing* (Farrington et al., 2010; Gao et al., 2010; Pardini et al., 2007; Salekin & Lochman, 2008; Saltaris, 2002, Ribeiro da Silva et al., 2015).

Como referido, o PSYCHOPATHY.COMP baseia-se neste modelo conceptual da CFT e a sua eficácia foi testada no âmbito de um ensaio clínico com jovens internados nos seis centros educativos portugueses (Ribeiro da Silva et al., 2021). Neste ensaio clínico o grupo de tratamento (GT = 58) recebeu o PSYCHOPATHY.COMP e o grupo de controlo (GC = 61) recebeu o tratamento usual dos centros educativos (TAU). Os resultados mostraram que o PSYCHOPATHY.COMP foi capaz de reduzir os traços psicopáticos e de promover uma mentalidade compassiva ao longo do tempo (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023).

Apesar da pertinência da literatura existente, seria relevante analisar, a longo prazo e fora do contexto de centro educativo, a perspetiva dos jovens acerca das vivências anteriores ao aparecimento dos primeiros comportamentos antissociais, assim como da evolução desses mesmos comportamentos até ao primeiro contacto com o sistema de justiça juvenil. Tendo em conta o potencial poder de reabilitação das medidas de internamento em centro educativo, seria ainda importante perceber, segundo a perspetiva dos jovens, até que ponto é que o internamento no centro educativo em geral e a intervenção psicoterapêutica com recurso ao PSYCHOPATHY.COMP, em específico foram capazes de alterar a forma como os jovens percecionam a sua história prévia.

Objetivos

O objetivo principal deste projeto consiste na identificação e análise da perceção que os jovens que estiveram internados em centros educativos têm da sua história e das suas experiências prévias ao primeiro contacto com o sistema de justiça juvenil.

Em específico, este projeto visa analisar a perceção dos jovens (tendo em conta fatores de risco e de proteção) quanto: (1) à sua história precoce (e.g., familiar, escolar, comunidade, grupo de pares), (2) ao início dos primeiros comportamentos antissociais, (3) ao desenvolvimento do seu comportamento antissocial até ao primeiro contacto com o sistema de justiça juvenil e (4) ao contributo que o internamento no centro educativo (incluindo a intervenção psicoterapêutica recebida, i.e., PSYCHOPATHY.COMP) teve na forma como os jovens percecionam a sua trajetória de vida até ao primeiro contacto com o sistema de justiça juvenil.

Descrição detalhada

Desenho do estudo

O presente estudo qualitativo foi executado utilizando a AFI, possibilitando que

os participantes expressem a sua experiência nos seus próprios termos. A AFI visa fornecer uma análise detalhada acerca das suas experiências pessoais, para que estas sejam percebidas e interpretadas de maneira a validar as mesmas (Alase, 2017; Larkin et al., 2021; Noon, 2018).

No decorrer da recolha de informação foram aplicadas entrevistas semiestruturadas que, seguidamente, foram transcritas e analisadas.

Amostra

Os participantes deste estudo foram oito jovens que participaram no ensaio clínico que testou a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP (ClinicalTrials.gov ID: NCT03971682), $n = 8$ jovens do GT. Estes jovens tinham idades compreendidas entre os 20 e os 22 anos ($M = 21$; $DP = 0,93$). Em média, os participantes tinham cerca de oito anos de escolaridade completos, em que seis dos participantes tinham o 9º ano de escolaridade. Pertenciam maioritariamente a um estatuto socioeconómico baixo (87,5%; 12,5% médio). Dos oito jovens, dois (25%) estavam em liberdade no momento da recolha de dados e seis (75%) estavam a cumprir pena de prisão.

Instrumentos

De forma a alcançar os objetivos deste estudo, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas aos participantes (cf. Anexo 1). A entrevista apresenta um conjunto de questões abertas relacionadas com as perceções dos jovens sobre suas trajetórias de vida, em termos de fatores protetores e de risco no seu percurso. Caso necessário e a fim de obter uma melhor compreensão destas trajetórias, a entrevista contém questões alternativas que abordam os mesmos conteúdos que as questões principais de forma a esclarecer o participante e/ou a aprofundar determinada temática (Tong & Craig, 2007).

A entrevista é constituída por quatro blocos temáticos: 1) breve apresentação e

introdução; 2) período prévio ao contacto com o sistema de justiça juvenil; 3) experiência com o sistema de justiça juvenil e no centro educativo; 4) período após a saída do centro educativo. A estrutura em blocos temáticos facilita a organização na recolha e tratamento de dados, permitindo ainda uma melhor compreensão das informações obtidas (Hennink et al., 2020). O primeiro bloco visa a apresentação dos participantes e da equipa de investigação, a explicação das questões éticas envolvidas no estudo, assim como a apresentação global da entrevista (principais objetivos e procedimentos). Este bloco é fundamental para criar um ambiente seguro que facilite a sua adesão ao estudo. Para o propósito do presente estudo propriamente dito, a análise dos dados focou-se apenas no ponto 2 (i.e., período prévio ao contacto com o sistema de justiça juvenil).

Intervenção

O PSYCHOPATHY.COMP visa a redução do comportamento antissocial e dos traços psicopáticos em jovens agressores através da promoção de uma mentalidade compassiva (Ribeiro da Silva et al., 2019b; Ribeiro da Silva et al., 2021). Deste modo, pretende-se que os jovens percecionem e reformulem as suas experiências e ameaças, quer a nível interno quer a nível externo e que ganhem ferramentas para lidar com novas experiências de forma compassiva para com os próprios e para com os outros (Ribeiro da Silva et al., 2021; Ribeiro da Silva et al., 2022). No decorrer das sessões os terapeutas procuram fomentar uma relação terapêutica segura com os jovens e aplicam estratégias de entrevista motivacional de acordo com a CFT de modo a lidar com dificuldades ao nível de adesão e compromisso com o tratamento, bem como para estimular o treino da mente compassiva (Gilbert, 2010; Hecht et al., 2018; Ribeiro da Silva et al., 2021).

O programa é constituído por 20 sessões de 60 minutos. O programa segue quatro módulos sequenciais: 1) o básico da nossa mente, 2) a nossa mente de acordo

com a terapia focada na compaixão, 3) treino da mente compassiva e 4) recuperação, prevenção da recaída e finalização.

O módulo 1 consiste na apresentação das raízes evolucionárias do funcionamento da mente humana, nomeadamente acerca das necessidades básicas, emoções e respostas a ameaças sociais e físicas. Neste sentido, pretende-se que os jovens entendam que apesar de não ser possível alterar acontecimentos, emoções e pensamentos é, no entanto, possível alterar a forma de agir sobre eles, isto é, alterar a sua resposta comportamental. Neste módulo é ainda apresentada a CFT como fundamental para a construção da mente compassiva destes jovens e é iniciado o treino da mente compassiva (nomeadamente com exercícios de *mindfulness*).

No módulo 2 é discutido o funcionamento da mente humana de acordo com a CFT e dá-se continuação ao treino da mente compassiva. Aqui os terapeutas pretendem que os jovens percebam que existem formas de agir conscientemente enquanto aumentamos o conhecimento que temos sobre o nosso próprio funcionamento. Ao longo destas sessões os jovens são conduzidos a perceber os sistemas de regulação emocional e a entender que estes são importantes na regulação dos estados emocionais, da vergonha e das estratégias de regulação da vergonha. É ainda iniciada a exposição à raiva.

O módulo 3 foca-se especificamente no treino da mente compassiva através da utilização de exercícios experienciais em que os jovens são gradualmente expostos a ativação do sistema de *threat* (nomeadamente, exposição à raiva e à vergonha) de modo que percebam os seus efeitos. O objetivo prende-se com o facto de procurarem e testarem diferentes estratégias para tolerar e lidar com o sofrimento de forma saudável e compassiva.

Por fim, o último módulo (4) prende-se com o relembrar das motivações para a

recuperação e prevenção da recaída sob a base da compaixão. Neste módulo os jovens são encorajados a entender que apesar de o sofrimento ser parte integrante da condição humana e da sua trajetória, ao longo do processo terapêutico, estes ganharam diversas estratégias de regulação emocional que podem e devem aplicar para lidar com o sofrimento (Ribeiro da Silva et al., 2019b).

A estrutura das sessões é formada por três etapas, nomeadamente 1) *check-in*, 2) desenvolvimento do tema e 3) *check-out*. Ao nível do *check-in* é realizado um exercício de *grounding* e é discutida a sessão anterior bem como o decorrer da semana. No desenvolvimento do tema são realizados exercícios experienciais relacionados com o respetivo tema. No *check-out* é desenvolvido um breve resumo da sessão, um exercício de *mindfulness* ou de treino da mente compassiva e finalmente, é entregue aos participantes uma carta com uma palavra, frase ou imagem alusivas ao tema principal da sessão (Ribeiro da Silva et al., 2023).

Procedimentos

Este estudo está inserido num projeto de investigação intitulado “*A quantitative and qualitative analysis of youth's pathways after release from juvenile detention: A Controlled Trial on the efficacy of the PSYCHOPATHY.COMP*” (2022.00715.CEECIND), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito do Concurso ao Estímulo ao Emprego Científico individual. O referido projeto já teve o parecer favorável da comissão de ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC) e a autorização para a sua execução por parte da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Todos os princípios éticos do código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), do Código Europeu de Conduta para a Integridade da Investigação e da declaração de Helsínquia (World Medical Association, 2013) foram

respeitados.

Para a realização deste estudo, a ideia inicial era selecionar aleatoriamente jovens do grupo de tratamento do ensaio clínico que testou a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP (ClinicalTrials.gov ID: NCT03971682), com vista a uma distribuição equilibrada entre aqueles que estavam em liberdade e aqueles que estavam a cumprir pena de prisão. No entanto, o total de participantes a cumprir pena de prisão era muito aproximado do número necessário (sete), pelo que a aleatorização deste subgrupo não foi possível. Os participantes em liberdade foram aleatoriamente selecionados. A equipa contactou nove jovens em liberdade, dois aceitaram participar na investigação, dois recusaram a participação (por ser um período do qual não se querem recordar) e cinco referiram dificuldades em agendar a entrevista devido às suas responsabilidades laborais, referindo que têm intenção de participar nesta investigação no futuro.

O único critério de inclusão deste estudo é a prévia participação no grupo de tratamento do ensaio clínico que testou a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP. Por sua vez, os participantes deste ensaio clínico tinham como critérios de inclusão: ser do sexo masculino (pois jovens do sexo feminino representam uma pequena percentagem dos jovens detidos em Portugal); ter idade compreendida entre os 14 e os 18 anos; estar a cumprir uma medida de internamento em algum dos seis centros educativos existentes em Portugal (Ribeiro da Silva et al., 2021). Os critérios de exclusão do estudo compreendiam: 1) participantes que não falassem português (de modo a evitar dificuldades de comunicação); 2) manter-se no centro educativo por menos de 12 meses desde o início do programa (atendendo à duração do programa e ao período de avaliação); 3) presença de dificuldades cognitivas (uma vez que o programa não é aplicável a jovens com dificuldades cognitivas); 4) presença de sintomas psicóticos

(dado que os exercícios experienciais são contraindicados para essas situações); 5) presença de perturbações do espectro do autismo (devido ao facto de o programa não contemplar as dificuldades desses jovens).

Após a seleção aleatória dos participantes, os mesmos foram contactados para avaliar a sua disponibilidade e interesse em participar no estudo. Nesse primeiro contacto foram explicados todos os procedimentos de investigação e foi garantida a confidencialidade e anonimato do participante. Foi ainda destacado o carácter voluntário da participação no estudo e foi referida a não penalização/compensação independentemente da sua decisão. Os jovens que aceitaram participar no estudo assinaram um formulário de consentimento informado (todos os jovens tinham mais de 18 anos de idade no momento da recolha de dados). As entrevistas foram conduzidas numa data e horário acordado entre o jovem e a equipa de investigação. Para aqueles participantes que estejam a cumprir pena de prisão, foram ainda pedidas autorizações institucionais à direção dos referidos estabelecimentos prisionais. Para assegurar a confidencialidade dos participantes, os seguintes procedimentos foram conduzidos: 1) utilização de um sistema de código em cada protocolo de investigação (este sistema de código foi também utilizado durante a entrevista); 2) desemparelhamento do protocolo de investigação e do consentimento informado e, 3) recolha de dados pessoais estritamente necessários para a investigação.

A recolha de informação foi realizada com o apoio de uma investigadora/psicóloga, com recurso a entrevistas individuais semiestruturadas (cf. Instrumentos). As entrevistas, sempre que possível, foram conduzidas de forma presencial. Na impossibilidade da realização presencial, a mesma decorreu em formato online. Independentemente do formato das entrevistas, o seu conteúdo foi registado em formato de áudio. O tempo médio das entrevistas foi de 63,75 minutos (variando entre

51,50 e 80,32 minutos).

Análise de dados

Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas utilizando a AFI. Duas investigadoras, de forma independente, escutaram e releeram as entrevistas múltiplas vezes, tomando notas no documento da entrevista, de forma a construir um maior envolvimento com as experiências reportadas pelos participantes e com a sua percepção sobre as mesmas (Larkin et al., 2021). Após a familiarização com os dados, cada investigadora, de forma independente, selecionou os temas e subtemas comuns mencionados pelos jovens. Os dados das duas investigadoras foram confrontados e dificuldades na codificação de temas e subtemas foram solucionadas por uma terceira investigadora.

Resultados

Os resultados estão distribuídos em duas secções distintas, a primeira referente às experiências dos jovens até ao primeiro contacto com o SJJ e a segunda referente ao impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP. Na secção referente às experiências dos jovens até ao primeiro contacto com o SJJ, foram identificados três temas principais (ambiente familiar, ambiente escolar e instituições). Do tema “ambiente familiar” surgiram três temas subordinados (progenitores ausentes, ambiente hostil e relação com familiares). Do tema “ambiente escolar” surgiu um tema subordinado (absentismo escolar). Finalmente, do tema “instituições” surgiu um tema subordinado (contacto com instituições). Na secção referente ao impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP foram identificados dois temas principais (percepção das experiências e relação terapêutica). Dentro do tema “percepção das experiências” surgiu um tema subordinado (alterações na percepção). Do tema “relação terapêutica” surgiu o tema subordinado “sentimentos de apoio”.

Ambiente familiar

O primeiro tema principal é representativo do seio familiar em que os participantes cresceram. Este é composto por três temas subordinados, nomeadamente progenitores ausentes, um ambiente hostil e relações com familiares.

Progenitores ausentes. Este tema subordinado é referido por cinco jovens e representa a realidade de participantes que não cresceram com nenhum dos pais ou com apenas um.

Neste âmbito o participante 3 indica que “... os meus pais separaram-se muito cedo... a minha mãe ficou sozinha com dois filhos... o meu pai deixou dívidas para ela pagar”. Refere ainda, que “Eu só fiquei chateado com ele quando ele começou a querer ter uma postura de pai, como se ele tivesse sempre dado alguma coisa, como se tivesse sido presente na minha vida...”.

O participante 8 afirma que “a minha mãe cortou-nos bastante a liberdade ... tivemos que tomar conta dos nossos irmãos porque ela começou a trabalhar até tarde”.

Na experiência do participante 7, o jovem menciona que “o meu pai nunca esteve presente e a minha mãe não me criou, basicamente”.

O participante 5 reporta “sempre que precisei, quem eu tive foram as minhas avós ... eu cresci com a minha avó, a minha mãe não tem cabeça e o meu pai estava mais tempo a trabalhar no estrangeiro do que aqui”.

O participante 2 descreve a experiência, referindo “Nunca tive lá o meu pai. Eu sei quem ele é, mas abandonou-me a mim e à minha mãe”. No caso do jovem, a ausência de uma figura masculina parece ter provocado sentimentos de responsabilização para compensar a mesma: “Sendo homem eu tenho que ajudar e vou

ajudar”.

Ambiente hostil. Este tema subordinado é referido por metade dos jovens. A infância de alguns participantes parece ter sido pautada por um ambiente hostil, nomeadamente pela presença de violência física. Na vivência de outros jovens estavam presentes os conflitos verbais, quer entre progenitores, quer entre progenitor/padrasto e filho.

Três dos quatro jovens que reportam um ambiente adverso na infância, referem a presença de violência física. No caso do participante 3, este indica ter um relacionamento conflituoso com o padrasto, afirmando que “andávamos sempre à porrada um com o outro” e que a convivência se tornou cada vez mais difícil.

“A relação com o meu padrasto prejudicou-nos bastante, também éramos agressivos na escola... ele era agressivo todos os dias” refere o participante 8.

O participante 6 transmite a sua experiência como tendo crescido em “um ambiente familiar muito pesado ... havia muita agressão em casa”. Refere que, desde cedo, se recorda “do pai e a mãe baterem em nós e o pai bater na mãe também” e que “a única maneira de ele me bater era com o cinto e a minha mãe era à chapada ... o meu pai era regularmente”.

O participante 1 expõe experiências de conflitos verbais entre a progenitora e os companheiros. Nomeadamente, “a minha mãe brigava com o meu pai, também já brigou com padrastos ... aparecia sempre polícia...”.

O participante 4 menciona a separação conflituosa dos progenitores e a forma como foi incluído na mesma, nomeadamente “A separação foi ao longo de toda a minha vida ... os meus pais separaram-se eu era muito novo ... não se dão bem até hoje ... eu estava ali de um lado para o outro, vai para um lado, vai para o outro...”.

Relações com familiares. Por fim, o último tema subordinado diz respeito a relações afetivas e emocionais que alguns jovens desenvolveram, ao longo do seu crescimento, com familiares que não os progenitores. Neste âmbito os participantes apontam estes relacionamentos como benéficos, devido a sentimentos de suporte, apoio, preocupação e inclusão.

O participante 7 refere a aproximação aos tios, afirmando que “chamavam-me para jantar em casa deles ... ficavam a falar e tentavam chamar-me um bocadinho à razão”.

O participante 1 refere também a relação afetiva com a tia, evidenciando sentimentos de pertença ao ser incluído nas tarefas diárias e *hobbies* da mesma. Indica que “o papel que a minha mãe faz e fazia, ela fez, se calhar até melhor”.

No caso do participante 5, este indica um relacionamento próximo à avó paterna, destacando que “sempre que eu precisei quem eu tive foi a minha avó, não foram os meus pais” e “a minha avó tenta proteger-me todos os dias”.

Por fim, o participante 8 refere os irmãos como fonte de suporte. Quando questionado acerca de fatores que tenha percecionado como protetores e importantes na sua infância o jovem afirma “se pensar só vejo o meu irmão a minha irmã mais velha”.

Ambiente escolar

O segundo tema principal diz respeito às vivências dos jovens no ambiente escolar. Neste é identificado o tema subordinado, abaixo descrito.

Absentismo escolar. Este tema subordinado é respetivo à assiduidade dos jovens na escola. Cinco participantes reportaram o baixo comprometimento com o ensino

obrigatório.

“Eu era bom aluno... os meus problemas eram mais de assiduidade e de comportamento” refere o participante 7, evidenciando que a sua ausência não está, necessariamente, correlacionada com desinteresse escolar.

No caso do participante 2, este afirma “nunca liguei à escola, nunca foi o meu forte”.

O participante 8 menciona “começámos a dar problemas na escola ... eu já faltava esse tempo na escola...”.

“Faltava às aulas para ir para os corrimões do *shopping* escorregar...”, retrata a experiência do participante 1, na altura em que inicia comportamentos desviantes.

Finalmente, o participante 6 transmite a sua experiência com a seguinte afirmação: “não ia para a escola, saía da escola, o meu comportamento começou sempre a regredir...”.

Instituições.

O terceiro e último tema principal é relativo à passagem dos jovens por instituições de proteção ou de acolhimento, no decorrer da sua infância e/ou adolescência.

Contacto com instituições. Este tema subordinado é abordado por quatro dos jovens. A sinalização ou o cumprimento de medidas proteção, segundo a perceção dos jovens, está relacionado com o consumo de estupefacientes, o comportamento antissocial e/ou a inexistência de condições de habitação.

O participante 7 indica que “o meu primeiro contacto foi aos 13 anos com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ). Foi quando fui apanhado pela

primeira vez a fumar na escola”. O jovem indica ainda, que posteriormente existiram sinalizações por parte da CPCJ devido a furtos.

“Fui para uma instituição, estive lá um ano e tal ou dois” é uma citação sobre a experiência do participante 1 respetiva à sinalização devido a comportamentos desviantes. O jovem refere ainda que “consumia e comecei em Comunidade Terapêutica...”.

A experiência do participante 5 é similar às mencionadas anteriormente. O jovem indica que “foi ao pé da escola, só porque estava a fumar ... entrei para a CPCJ a achar que não dava nada ... apanhei Comunidade Terapêutica”.

No caso do participante 6, a ausência de condições necessárias à subsistência, no agregado familiar, culminou na passagem por casas de acolhimento. “Na altura também não havia condições suficientes para os meus pais me manterem em casa, por isso a CPCJ pôs-nos a mão e retirou-nos” (6).

Temas adicionais

Os seguintes temas, apesar de serem identificados por um menor número de jovens, constituem-se como relevantes para o entendimento da perceção que os indivíduos exibem sobre o seu percurso desenvolvimental.

Baixas experiências de calor e afeto. Este tema é evidenciado por três jovens e nele é abordada a perceção que os jovens têm sobre experienciar calor e afeto ao longo do seu percurso desenvolvimental. Em conformidade com exemplos supramencionados, alguns jovens apontam a inexistência de carinho, atenção e preocupação por parte do seu seio familiar.

O participante 7 afirma que “havia zero interesse, só iam buscar as provas se

alguém ligasse a dizer que tinha feito asneiras” e “falta carinho, falta amor, falta atenção, falta muita coisa...”. Nestas citações fica evidente a falta de experiências normativas entre progenitores e filhos na infância, nomeadamente pela ausência de preocupação relativamente à vida escolar e à ausência afetiva e emocional.

Na perspetiva do participante 8, este reporta que “não havia grande suporte, era só eu e o meu irmão, por assim dizer”. Refere também que não existia uma relação de partilha e confiança sobre os problemas com a mãe, “a gente não falava... nós mentíamos porque tínhamos medo... aprendemos a mentir, acho que isso foi uma coisa negativa”.

Alguns jovens revelam ainda, sentimentos de não pertença no agregado familiar. No caso do participante 6, este indica que “sentia-me afastado deles, eu via que davam mais carinho aos meus irmãos mais novos do que a mim” e “sentia-me abandonado, já não sentia que fazia parte daquela família”. Quando questionado, o jovem refere que ainda, que sente o que lhe pode ter faltado na infância tenha sido carinho e como consequência “teria sido uma pessoa menos revoltada”.

Dificuldades financeiras. O presente tema foi mencionado por três dos jovens entrevistados e parece ser um dos fatores que contribui para o comportamento antissocial dos mesmos.

O participante 3 refere as dificuldades que o agregado enfrentava, nomeadamente “a luta diária deles, a minha mãe trabalhava noite e dia, a minha avó era empregada doméstica e o meu avô ficou desempregado... era a única que punha dinheiro em casa”.

Na experiência do participante 2 parecem surgir sentimentos de responsabilidade aliados às dificuldades financeiras da família. O jovem indica que “eu via que a minha

mãe, às vezes, não comia para nos dar a nós ... pensava “então nós comemos e ela não, temos de comer todos” e “a maior parte das coisas que fiz foi para ajudar a minha família”.

Por fim, o participante 6 afirma “a minha mãe não trabalha, o meu pai é reformado ... não havia dinheiro suficiente para nos sustentar”. O jovem aponta esta circunstância como um fator que, aliado a outros, contribuiu para o seu percurso desviante.

Tabela 1

Temas e citações descritivas da percepção das experiências dos jovens até ao momento do primeiro contacto com o SJJ

Tema principal	Tema subordinado	Citação	Número de participantes incluídos no tema
1. Ambiente familiar	1. Progenitores ausentes	7: “Se calhar o que mais pesa são os familiares. Acho que se tivesse tido um pai presente... se calhar hoje era advogado...”. 2: (Se tivesse um pai presente) “se calhar, não tinha entrado na vida do crime”.	5
	2. Ambiente hostil	8: “A relação com o meu padrasto prejudicou-nos bastante... ele era agressivo, mas era todos os dias... é o que tenho mais forte da minha infância, o primeiro que me lembro é disso”.	4
	3. Relação	1: (A tia) “protegeu e ajudou-	4

	com familiares	-me... o papel que a minha mãe	
	+	faz e fazia, ela fez, se calhar até	
		melhor”.	
2. Ambiente	1. Absentismo	2: “Nunca liguei à escola, nunca	5
escolar	escolar	foi o meu forte”.	
	-	6: “... não ia para a escola, saía da	
		escola. O meu comportamento	
		começou sempre a regredir...”.	
3. Instituições	1. Contacto	7: “O meu primeiro contacto foi	4
	com	aos 13 anos com a CPCJ. Foi	
	instituições	quando fui apanhado pela	
	-	primeira vez a fumar na escola”.	
		5: “Entrei para a CPCJ... e	
		apanhei Comunidade	
		Terapêutica”	

Nota. + = fator protetor; - = fator de risco.

PSYCHOPATHY.COMP - Perceção das experiências

Este tema é respetivo à forma como a participação no programa PSYCHOPATHY.COMP influenciou a perceção dos jovens acerca das suas experiências passadas e é constituído por um tema subordinado.

Alterações na perceção. O primeiro tema subordinado diz respeito ao contributo do programa na forma como os jovens percecionam as suas experiências passadas. Neste âmbito quatro jovens mencionam contributos positivos das sessões psicoterapêuticas que, de alguma forma, alteraram a perceção que exibiam previamente.

O participante 8 afirma “acho que consegui enfrentar melhor as coisas e aceitar melhor certas outras ... parece dar explicações, por assim dizer”.

O participante 6 refere “posso dizer-lhe que, se calhar, abriu-me campos, abriu-

me a mente”.

Quando questionado se teria sentido diferenças na sua percepção, o participante 7 responde: “se calhar não tanto para fazer as coisas, mas para as entender sim”.

Por fim, o participante 3 indica que “continuei a ver da mesma maneira, mas, se calhar, algumas situações deixei de ver de forma tão negativa”.

PSYCHOPATHY.COMP - Relação terapêutica

O segundo e último tema principal é referente ao modo como os jovens sentiram e interpretaram a relação estabelecida com as terapeutas.

Sentimentos de apoio. O tema subordinado, citado por cinco jovens, demonstra que através do programa e do estabelecimento de uma relação terapêutica sólida, estes se sentiram confortáveis e de alguma forma apoiados.

Deste modo, o participante 2 indica “a gente falava, dava para falar com ela, tranquilo, foi uma boa psicóloga ... acho que isso é bom para a gente”.

Reportando uma experiência semelhante, o participante 8 afirma “acho que as consultas foram essenciais, sempre foi um apoio para eu manter o foco”.

Na vivência do participante 3, o jovem menciona o apoio sentido da seguinte forma: “foi-me buscar quando eu tinha acabado de ter uma situação, isso chegou a acontecer algumas vezes ... ir-me buscar para me acalmar e tudo mais”.

Quando questionado sobre o fator de considera mais positivo sobre o programa, o participante 4 refere “a relação que estabeleci com a Dra.”.

Finalmente, o participante 5 reporta “era a melhor coisa que eu tinha lá dentro ... todas as semanas eu queria era chegar às consultas”.

Temas adicionais

Os seguintes temas, apesar de mencionados por um menor número de jovens, constituem-se como relevantes para o entendimento da influência do programa psicoterapêutico na vida dos participantes.

Um dos temas mencionado pelos jovens está relacionado com a promoção de compaixão e autocompaixão. Os jovens referem que, deste modo, conseguiram perceber a sua história e as suas vivências de uma forma mais compreensiva.

No caso do participante 8, por exemplo, este indica que “lembro-me de abordarmos bastante a compaixão ... foi uma coisa que, com certeza, enquadrei no meu estilo de vida e ajudou-me”. O jovem afirma ainda que “é mostrar compaixão com a pessoa que está a precisar e, normalmente, é o jovem ... se está a haver problemas por algum motivo é...”.

Os jovens indicaram ainda o desenvolvimento de um maior controlo de impulsos, a nível comportamental devido à participação no programa psicoterapêutico.

O participante 4 refere “ajudou-me ... eu era muito impulsivo e não tinha controlo em mim e isso ajudou-me ... ajudou-me nesse aspeto, autocontrolo e impulsividade, sem dúvida”.

Tabela 2

Temas e citações descritivas da perceção das experiências dos jovens no programa

PSYCHOPATHY.COMP

Tema principal	Tema subordinado	Citação	Número de participantes incluídos no tema
----------------	------------------	---------	---

1. Percepção das experiências	1. Alterações na percepção	6: "... se calhar abriu-me campos, abriu-me a mente". 8: "Acho que consegui enfrentar melhor as coisas e aceitar melhor certas outras".	4
2. Relação terapêutica	1. Sentimentos de apoio	2: "Foi uma boa psicóloga, tranquila ... isso é bom". 3: "... foi-me buscar quando eu tinha alguma situação ... para me acalmar e tudo mais".	5

Discussão

No presente estudo, analisado segundo a AFI, os participantes do grupo de tratamento do ensaio clínico que testou a eficácia do programa PSYCHOPATHY.COMP descreveram as suas experiências desenvolvimentais até ao momento do primeiro contacto com o SJJ. Existem diversos estudos que apontam os fatores de proteção e de risco para o desenvolvimento do comportamento antissocial em jovens, contudo, são raros os que se debruçam sobre a perspetiva que os jovens exibem sobre as suas vivências. Desta forma, este estudo visou identificar e compreender, não só as experiências dos jovens, mas também a forma como a participação no PSYCHOPATHY.COMP influenciou a interpretação que estes atribuem a essas mesmas experiências.

O crescimento de grande parte dos jovens foi marcado pela ausência de, pelo menos, um dos progenitores. Neste sentido, os participantes que cresceram apenas com um dos pais ou com outros familiares reportam que o contacto com o

progenitor ausente era diminuído ou inexistente. Para alguns participantes, a presença dos progenitores constitui um fator relevante para o desenvolvimento normativo de um jovem. Viver com apenas um progenitor biológico está positivamente correlacionado com comportamentos desviantes na adolescência (Kroeese et al., 2021). Jovens cujo relacionamento e intimidade com os pais são diminuídos apresentam maiores evidências de comportamentos desviantes. Na percepção destes, maiores níveis de afeto e de preocupação dos progenitores para consigo, seriam variáveis que poderiam contribuir para o não envolvimento em comportamentos antissociais (Fawole et al., 2020). Experiências de calor e afeto entre pais e filhos agem como fator protetor para a existência de traços psicopáticos nos jovens (Backman et al., 2021). A vinculação é um fator crucial na regulação emocional de um sujeito (Bowlby, 1969). Segundo o modelo conceptual da CFT, a ausência de contacto com os progenitores e de relações de vinculação seguras com os mesmos, pode ser um fator que aumenta os medos centrais de abandono e/ou de desproteção e que contribui para a desregulação emocional, nomeadamente pelo desenvolvimento de um sistema ameaça hipersensível (Porges, 2007; Gilbert, 2020; Siegel, 2020).

Alguns jovens indicam a existência de conflitos no agregado familiar. Nestes inserem-se os conflitos verbais e físicos, quer entre progenitores, quer de progenitores/padrastos para com os jovens. A violência, de qualquer tipo, é assinalada pelos participantes como um aspeto pertinente para a adoção de comportamentos desviantes na infância/adolescência. Conflitos entre progenitores, situações de separação ou divórcio, não viver com ambos os pais e exposição à violência na adolescência são fatores que contribuem para o desenvolvimento de comportamento antissocial (Dinut, 2022; Bobbio et al., 2020). Os jovens consideram que um ambiente

familiar pautado por violência ou por diversos tipos de atritos pode, portanto, constituir um fator de risco para o comportamento desviante, na medida em que pode causar a aprendizagem de um comportamento mal-adaptativo. Ambientes hostis e atitudes agressivas para com o jovem correlacionam-se positivamente com a exibição de traços psicopáticos e comportamentos antissociais na adolescência (Backman et al., 2021). Uma base segura proporciona um ambiente no qual o jovem pode crescer sem a presença de ameaças e onde os progenitores agem de modo protetor (Gilbert, 2016; Cassidy & Shaver, 2016). À luz do modelo da CFT, vivências conflituosas e agressivas contribuem para uma visão do mundo como imprevisível e hostil, onde não há segurança e onde mesmo as figuras que deveriam ser fonte de proteção, são fonte de ameaça (Gilbert, 2020).

Mais de metade dos participantes reporta relações de proximidade com outros familiares que não os pais. Estes relacionamentos parecem potencializar sentimentos de suporte e inclusão. Relações afetivas positivas entre irmãos constituem um fator de proteção para a adoção de comportamentos desviantes, sobretudo em casos de crescimento com apenas um dos progenitores (Ahn, 2019). Ambientes familiares em que os jovens revelam sentimentos positivos podem atuar como um fator protetor para o desenvolvimento de comportamentos antissociais. Nestes incluem-se a existência de bons relacionamentos entre irmãos, por exemplo, e o desfrutar de passar tempo, em conjunto, com a família (Ginner Hau & Azad 2022). A importância de relações de proximidade e afeto durante o crescimento é amplamente estudada na literatura (Bowlby, 1969; Ainsworth & Bowlby, 1991; Granqvist & Duschinsky, 2021). Segundo o modelo conceptual da CFT, estas experiências proporcionam o desenvolvimento de uma visão do mundo como um lugar seguro e securizante, promovendo o desenvolvimento do sistema de *soothing* e

o equilíbrio dos sistemas de regulação do afeto. Desta forma, estas experiências atuam como fator protetor a outras vivências hostis, reduzindo o seu absolutismo e impacto (Wang, 2005; Gilbert, 2010, 2020).

Ao nível do ambiente escolar grande parte dos jovens reporta absentismo durante período de ensino obrigatório. Este parece estar associado à adoção de comportamentos desviantes e ao desinteresse relativo à escola. A presença de absentismo escolar no percurso desenvolvimental dos jovens está correlacionada com perturbações do foro psicológico e psiquiátrico e com comportamentos externalizantes mal-adaptativos. A interrupção e o absentismo escolar, associados a experiências adversas precoces aumentam os níveis de *stress* dos jovens e condicionam a sua concentração e aprendizagem (De Boer et al., 2023). A não comparência regular no ambiente escolar tem também, influência na probabilidade de contacto com o SJJ (Kearney et al., 2020). Um elevado comprometimento com a escola representa um fator que contribui para menores níveis de exibição de comportamentos desviantes (Liu & Miller, 2020). Muitos jovens entram em absentismo por não sentirem a escola como um ambiente seguro (e.g., percepção negativa dos resultados obtidos no ambiente académico e consequente diminuição dos níveis de autoestima) e/ou por dificuldades financeiras (Liu & Miller, 2020; Weerman, 2010). O desejo de independência financeira poderá estar, muitas vezes associado a uma sobreativação do sistema de *drive*, devido à procura de obtenção de objetivos a curto prazo (Sousa et al., 2023). Considerando que o sistema de *threat* visa a proteção do sujeito e o sistema de *drive* motiva o alcance de objetivos, pode ser comum a existência de uma forte coligação entre ambos os sistemas, onde a motivação para ser independente das figuras hostis ou negligentes potencia a adoção de comportamentos desviantes desde uma idade precoce (Gilbert, 1995, Gilbert,

2005, Gilbert, 2009, Gilbert, 2010).

Alguns participantes mencionam o contacto com CPCJ, Comunidades Terapêuticas e casas de acolhimento, derivados de situações de consumo de estupefacientes e de insuficiência de condições básicas à sobrevivência. O uso de estupefacientes e baixos estatutos socioeconómicos agem como fatores de risco para a adoção de comportamentos antissociais na adolescência (Gunuboh, 2023). Jovens que exibem mais comportamentos desviantes apresentam um consumo mais frequente de substâncias estupefacientes do que jovens com comportamentos normativos (Bobbio et al., 2020). Jovens cuja família possua baixos rendimentos económicos são mais suscetíveis de se envolverem em atividades criminais do que jovens cujo agregado pertença a um estatuto socioeconómico elevado (Gunuboh, 2023). O consumo de estupefacientes constitui, muitas vezes, um meio de potenciar estratégias de evitamento. Deste modo, pode ser utilizado, por estes jovens, como forma de minimizar o impacto das constantes experiências nocivas que vivem (Khantzian, 2003; Oei et al., 2021).

Da participação no programa PSYCHOPATHY.COMP, metade dos participantes refere sentir que a sua perceção sobre as vivências experienciadas no passado se alterou de forma positiva. Os jovens indicam que a participação no programa promoveu sentimentos de aceitação e de entendimento perante as experiências passadas. Neste âmbito, assinalam ainda que as sessões terapêuticas parecem fornecer explicações para os acontecimentos e que permitem interpretá-los de uma forma mais adaptativa. A CFT revela-se benéfica na intervenção em psicopatologia severa e com jovens que apresentam comportamentos desviantes (Cunha et al., 2024). Possibilita a diminuição de sentimentos de vergonha e autocrítica e o aumento de sentimentos de autocompaixão (Craig et al., 2020).

Desta forma, permite que os jovens encontrem alternativas às estratégias que geralmente utilizavam para sobreviver e prosperar nos seus ambientes precoces (Sousa et al., 2023).

A relação estabelecida entre os participantes e os terapeutas é apontada, sobretudo pelos sentimentos de apoio e suporte proporcionados. Os jovens indicam que a relação desenvolvida possibilitou momentos de abertura e apoio. Os sujeitos parecem criar alianças com os terapeutas nas primeiras semanas dos programas psicoterapêuticos, que se vão desenvolvendo no decorrer dos mesmos. A qualidade das relações influencia, de forma positiva, a motivação e a atitude dos indivíduos perante a mudança (Mahajan & Howard, 2022). A escuta ativa representa uma estratégia fulcral, sobretudo no trabalho com jovens que exibem experiências sobre não serem ouvidos por outras pessoas no passado. Atitudes de não julgamento, por parte dos terapeutas, contribuem para o desenvolvimento da relação e do processo terapêutico (Denton & Grenade, 2022). Deste modo, uma relação terapêutica positiva e consistente pode ser importante para ressignificar experiências e padrões de vinculação. A relação terapêutica contribui ainda, para a maior percepção dos jovens sobre o valor do tratamento e sobre a sua capacidade para atingir os objetivos propostos, potenciando assim, maior motivação para a mudança e progressão no processo terapêutico (Papalia et al., 2022).

Limitações e estudos futuros

Os estudos qualitativos, nomeadamente aqueles que utilizam uma abordagem AFI, fornecem dados importantes relativos às experiências dos próprios participantes. No entanto, estes não são isentos de limitações, relacionadas sobretudo com o carácter subjetivo da interpretação dos dados e com cuidados redobrados na sua generalização (Larkin et al., 2021). A falta de aleatorização da amostra nos

sujeitos detidos constitui também uma limitação, apesar de a sua perspectiva ser fundamental para a literatura. Por último, apesar de ser importante existir uma relação pré-estabelecida entre entrevistador e entrevistado quando se utiliza a AFI, importa ressaltar que pode existir alguma desejabilidade na resposta às questões relativas ao programa, quando estas foram colocadas pela terapeuta que aplicou as sessões terapêuticas.

Estudos futuros devem considerar alargar o estudo a um maior número de jovens que tenham participado no ensaio clínico que testou a eficácia do programa PSYCHOPATHY.COMP, quer do grupo de tratamento, quer do grupo de controlo, ampliando ainda o número de sujeitos em liberdade e em contexto de reclusão em cada um dos grupos. Estes estudos podem fornecer dados mais robustos relativamente à forma como os jovens percecionam as suas experiências precoces e o seu impacto na sua trajetória de vida. Estes estudos poderão ainda fornecer pistas importantes sobre o modo como o programa PSYCHOPATHY.COMP e o tratamento usual dos centros educativos influenciam a perceção que os jovens exibem sobre o seu percurso de vida.

Conclusão

Os resultados obtidos no presente estudo corroboram as investigações existentes no âmbito dos fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento de comportamento antissocial em jovens. Sendo inovador pelo seu desenho, contribui para a escassa literatura sobre a perspectiva dos próprios jovens relativamente ao seu percurso de vida. Os resultados apontam ainda para os benefícios do PSYCHOPATHY.COMP na alteração da perceção dos jovens sobre as suas vivências passadas. O programa parece promover sentimentos de aceitação e possibilita que os jovens ressignifiquem os fatores que contribuíram para o seu

percurso desenvolvimental, minimizando o impacto dos fatores de risco.

Este estudo pode contribuir para a reflexão sobre a atuação do sistema de promoção e proteção, assim como dar pistas para o desenvolvimento de programas preventivos, quer no âmbito familiar quer no âmbito escolar. Este estudo vem ainda corroborar a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP na promoção de sentimentos positivos e na alteração da percepção das experiências precoces dos jovens. Estes dados vêm ao encontro de alguns estudos clínicos que apontam que apesar de não ser possível alterar as experiências precoces, é possível ressignificá-las e/ou minorar o seu impacto na trajetória desenvolvimental (Rijo et al., 2023; Sousa et al., 2023). Os resultados deste estudo corroboram ainda a literatura que aponta para a necessidade de incluir programas psicoterapêuticos na reabilitação de jovens a cumprir medida tutelar educativa de internamento (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023).

Bibliografia

- Abram, K. M., Zwecker, N. A., Welty, L. J., Hershfield, J. A., Dulcan, M. K., & Teplin, L. A. (2015). Comorbidity and continuity of psychiatric disorders in youth after detention: A prospective longitudinal study. *JAMA Psychiatry*, 72, 84-93.
<https://doi:10.1001/jamapsychiatry.2014.1375>
- Ahn, J. (2019). *The Impact of Family Contexts and Sibling Relationships on Youth Behavior Outcomes*. Columbia University.
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American psychologist*, 46(4), 333. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- Alase, A. (2017). The interpretative phenomenological analysis (IPA): A guide to a good qualitative research approach. *International Journal of Education and*

Literacy Studies, 5(2), 9-19. <http://dx.doi.org/10.7575/aiac.ijels.v.5n.2p.9>

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youth: Initial test of a new assessment tool. In E. Blaauw & I. Sheridan (Eds.), *Psychopaths: Current international perspectives* (pp. 131-158). Hague, The Netherlands: Elsevier.

Azeredo, A., Moreira, D., Figueiredo, P., & Barbosa, F. (2019). Delinquent behavior: Systematic review of genetic and environmental risk factors. *Clinical child and family psychology review*, 22, 502-526. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00298-w>

Backman, H., Laajasalo, T., Jokela, M., & Aronen, E. T. (2017). Interpersonal relationships as protective and risk factors for psychopathy: A follow-up study in adolescent offenders. *Journal of youth and adolescence*, 47, 1022-1036. <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0745-x>

Backman, H., Laajasalo, T., Jokela, M., & Aronen, E. T. (2021). Parental warmth and hostility and the development of psychopathic behaviors: A longitudinal study of young offenders. *Journal of Child and Family Studies*, 30, 955-965. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01921-7>

Barnert, E. S., Perry, R., Azzi, V. F., Shetgiri, R., Ryan, G., Dudovitz, R., Zima, B., & Chung, P. J. (2015). Incarcerated youths' perspectives on protective factors and risk factors for juvenile offending: A qualitative analysis. *American journal of public health*, 105(7), 1365-1371.

Barnert, E. S., Perry, R., Shetgiri, R., Steers, N., Dudovitz, R., Heard-Garris, N. J., Zima, B. & Chung, P. J. (2021). Adolescent protective and risk factors for

- incarceration through early adulthood. *Journal of Child and Family Studies*, 30, 1428-1440. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01954-y>
- Baskin-Sommers, A. R., Waller, R., Fish, A. M., & Hyde, L. W. (2015). Callous-unemotional traits trajectories interact with earlier conduct problems and executive control to predict violence and substance use among high risk male adolescents. *Journal of abnormal child psychology*, 43, 1529-1541. <https://doi.org/10.1007/s10802-015-0041-8>
- Blum, K., Chen, A.L., Chen, T.J. *et al.* Activation instead of blocking mesolimbic dopaminergic reward circuitry is a preferred modality in the long term treatment of reward deficiency syndrome (RDS): a commentary. *Theoretical Biology and Medical Modelling*, 5, 24 (2008). <https://doi.org/10.1186/1742-4682-5-24>
- Bobbio, A., Arbach, K., & Illescas, S. R. (2020). Juvenile delinquency risk factors: Individual, social, opportunity or all of these together?. *International journal of law, crime and justice*, 62, 100388. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2020.100388>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss* (No. 79). Random House.
- Browning, K., & Huizinga, D. (1999). *Highlights of findings from the Denver Youth Survey*. US Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Burnette, J. L., Taylor, K. W., Worthington, E. L., & Forsyth, D. R. (2007). Attachment and trait forgivingness: The mediating role of angry rumination. *Personality and individual differences*, 42(8), 1585-1596. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2006.10.033>
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (Eds.). (2016). *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. Guilford Publications.
- Cleckley, H. M. (1988). *The mask of sanity: An attempt to clarify some issues about the*

so-called psychopathic personality. Ravenio Books.

Conger, R. D., Ge, X., Elder Jr, G. H., Lorenz, F. O., & Simons, R. L. (1994). Economic stress, coercive family process, and developmental problems of adolescents. *Child development*, 65(2), 541-561. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00768.x>

Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: towards a hierarchical model. *Psychological assessment*, 13(2), 171. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.171>

Craig, C., Hiskey, S., & Spector, A. (2020). Compassion focused therapy: A systematic review of its effectiveness and acceptability in clinical populations. *Expert review of neurotherapeutics*, 20(4), 385-400. <https://doi.org/10.1080/14737175.2020.1746184>

Cunha, O., Pereira, B., Sousa, M., & Rodrigues, A. C. (2024). Cognitive behavioural “third wave” therapies in the treatment of justice-involved individuals: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 101923. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2024.101923>

De Boer, S., Testé, B., & Guarnaccia, C. (2023). How young offenders’ perceive their life courses and the juvenile justice system: A systematic review of recent qualitative research. *Adolescent research review*, 8(2), 137-158. <https://doi.org/10.1007/s40894-022-00184-7>

Del Giudice, M., Ellis, B. J., & Shirtcliff, E. A. (2011). The adaptive calibration model of stress responsivity. *Neuroscience & biobehavioral reviews*, 35(7), 1562-1592. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2010.11.007>

Denton, D., & Grenade, L. (2022). Connecting with clients: Building therapeutic alliances with people who are incarcerated. *Psychotherapy and Counselling*

Journal of Australia, 10(1).

- Dinut, V. (2022). The Influence of the Family Environment on the Process of Development and Social Integration of the Individual. *Rev. Universitara Sociologie, 140.*
- Ellis, B. J., Del Giudice, M., & Shirtcliff, E. A. (2013). Beyond allostatic load: The stress response system as a mechanism of conditional adaptation. In *Child and adolescent psychopathology (2nd ed.)* (pp. 251-284). Wiley.
- Esch, T., & Stefano, G. B. (2004). The neurobiology of pleasure, reward processes, addiction and their health implications. *Neuroendocrinology letters, 25(4), 235-251.*
- Farrington, D. P., Ullrich, S., & Salekin, R. T. (2010). Environmental influences on child and adolescent psychopathy. *Handbook of child and adolescent psychopathy, 202, 230.*
- Fawole, A. O., Yusuf, M. S., & Obor, D. O. (2020). Could my home be responsible for this? Adolescents' reports on family situations and delinquency in Iwo, Osun State, Nigeria. *Bangladesh e-Journal of Sociology, 17(1), 20.*
- Frick, P. J., & Dickens, C. (2006). Current perspectives on conduct disorder. *Current psychiatry reports, 8(1), 59-72.* <https://doi.org/10.1007/s11920-006-0082-3>
- Frick, P. J., Ray, J. V., Thornton, L. C., & Kahn, R. E. (2014). Can callous-unemotional traits enhance the understanding, diagnosis, and treatment of serious conduct problems in children and adolescents? A comprehensive review. *Psychological bulletin, 140(1), 1.* <https://doi.org/10.1037/a0033076>
- Frick, P. J., & White, S. F. (2008). Research review: The importance of callous-unemotional traits for developmental models of aggressive and antisocial behavior. *Journal of child psychology and psychiatry, 49(4), 359-375.*

<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01862.x>

Gao, Y., Raine, A., Chan, F., Venables, P. H., & Mednick, S. (2010). Early maternal and paternal bonding, childhood physical abuse and adult psychopathic personality. *Psychological medicine*, 40(6), 1007-1016.

<https://doi.org/10.1017/S0033291709991279>

Gilbert, P. (1995). Biopsychosocial approaches and evolutionary theory as aids to integration in clinical psychology and psychotherapy. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 2(3), 135-156. <https://doi.org/10.1002/cpp.5640020302>

Gilbert, P. (2005). Compassion and cruelty. *Compassion: Conceptualisations, research and use in psychotherapy*, 9-74.

Gilbert, P. (2009). Introducing compassion-focused therapy. *Advances in psychiatric treatment*, 15(3), 199-208. <https://doi.org/10.1192/apt.bp.107.005264>

Gilbert, P. (2010). *Compassion focused therapy: Distinctive features*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203851197>

Gilbert, P. (2014). The origins and nature of compassion focused therapy. *British Journal of Clinical Psychology*, 53(1), 6-41. <https://doi.org/10.1111/bjc.12043>

Gilbert, P. (2015). An evolutionary approach to emotion in mental health with a focus on affiliative emotions. *Emotion Review*, 7, 230-237.

<https://doi.org/10.1177/1754073915576552>

Gilbert, P. (2016). *Human nature and suffering*. Routledge.

<https://doi.org/10.4324/9781315564258>

Gilbert, P. (2017). Compassion as a social mentality: An evolutionary approach. In P. Gilbert (Ed.), *Compassion: Concepts, research and applications* (pp. 31-68). London, England: Routledge.

Gilbert, P. (2019). Explorations into the nature and function of compassion. *Current*

Opinion in Psychology, 28, 108-114.

<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.12.002>

Gilbert, P. (2020). Compassion: From its evolution to a psychotherapy. *Frontiers in psychology, 11*, 586161. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.586161>

Gilbert, P., McEwan, K., Mitra, R., Franks, L., Richter, A., & Rockliff, H. (2008).

Feeling safe and content: A specific affect regulation system? Relationship to depression, anxiety, stress, and self-criticism. *The Journal of Positive Psychology, 3*(3), 182-191. <https://doi.org/10.1080/17439760801999461>

Gilbert, P., & Simos, G. (Eds.). (2022). *Compassion focused therapy: Clinical practice and applications 1(st ed.)*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003035879>

Ginner Hau, H., & Azad, A. (2022). Swedish adolescent female offenders with limited delinquency: Exploring family-related narratives from a developmental perspective. *Child and Adolescent Social Work Journal, 39*(2), 219-232.

<https://doi.org/10.1007/s10560-020-00719-8>

Glenn, A. L., Kurzban, R., & Raine, A. (2011). Evolutionary theory and psychopathy. *Aggression and violent behavior, 16*(5), 371-380.

<https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.03.009>

Granqvist, P., & Duschinsky, R. (2021). Attachment theory and research. In *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*.

<https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.51>

Gunuboh, T. M. (2023). Parental poverty and neighborhood conditions as predictors of juvenile crime rates. *Open Journal of Social Sciences, 11*(7), 287-318.

<https://doi.org/10.4236/jss.2023.117021>

Hare, R. D. (1999). *Without conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. Guilford Press.

- Hare, R. D. (2003). Psychopathy checklist—revised. *Psychological Assessment*.
<https://doi.org/10.1037/t01167-000>
- Hecht, L. K., Lutzman, R. D., & Lilienfeld, S. O. (2018). The psychological treatment of psychopathy. *Evidence-based psychotherapy: The state of the science and practice*, 271.
- Hennink, M., Hutter, I., & Bailey, A. (2020). *Qualitative research methods*. Sage.
- Irons, C., Gilbert, P., Baldwin, M. W., Baccus, J. R., & Palmer, M. (2006). Parental recall, attachment relating and self-attacking/self-reassurance: Their relationship with depression. *British Journal of Clinical Psychology*, 45(3), 297-308. <https://doi.org/10.1348/014466505X68230>
- Jones, M. S., & Pierce, H. (2020). Early exposure to adverse childhood experiences and youth delinquent behavior in fragile families. *Youth & Society*, 53(5), 841-867.
<https://doi.org/10.1177/0044118X20908759>
- Kearney, C. A., Heyne, D., & González, C. (2020). School attendance and problematic school absenteeism in youth. *Frontiers in Psychology*, 11, 602242.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.602242>
- Khantzian, E. J. (2003). The self-medication hypothesis revisited: The dually diagnosed patient. *Primary Psychiatry*, 10(9), 47-54.
- Kroese, J., Bernasco, W., Liefbroer, A. C., & Rouwendal, J. (2021). Single-parent families and adolescent crime: Unpacking the role of parental separation, parental decease, and being born to a single-parent family. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, 7(4), 596-622.
<https://doi.org/10.1007/s40865-021-00183-7>
- Kumsta, R., Sonuga-Barke, E., & Rutter, M. (2012). Adolescent callous–unemotional traits and conduct disorder in adoptees exposed to severe early deprivation. *The*

British Journal of Psychiatry, 200(3), 197-201.

<https://doi.org/10.1192/bjp.bp.110.089441>

- Larkin, M., Flowers, P., & Smith, J. A. (2021). Interpretative phenomenological analysis: Theory, method and research. *Interpretative phenomenological analysis*, 1-100.
- Liu, L., & Miller, S. L. (2020). Protective factors against juvenile delinquency: Exploring gender with a nationally representative sample of youth. *Social science research*, 86, 102376. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2019.102376>
- Mahajan, Y., & Howard, M. (2022). Quality of the therapeutic alliance and associations with program outcomes for offenders participating in High Intensity Program Units (HIPUs). *Corrections Research Evaluation and Statistics, Corrective Services NSW*.
- Manzoni, P., & Schwarzenegger, C. (2019). The influence of earlier parental violence on juvenile delinquency: The role of social bonds, self-control, delinquent peer association and moral values as mediators. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 25, 225-239. <https://doi.org/10.1007/s10610-018-9392-3>
- Merrick, M. T., Ford, D. C., Ports, K. A., & Guinn, A. S. (2018). Prevalence of adverse childhood experiences from the 2011–2014 behavioral risk factor surveillance system in 23 States. *JAMA Pediatrics*, 172(11), 1038–1044. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2018.2537>
- Miley, L. N., Fox, B., Muniz, C. N., Perkins, R., & DeLisi, M. (2020). Does childhood victimization predict specific adolescent offending? An analysis of generality versus specificity in the victim-offender overlap. *Child Abuse & Neglect*, 101, 104328. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104328>
- Mills, R. S., Arbeau, K. A., Lall, D. I., & De Jaeger, A. E. (2010). Parenting and child

- characteristics in the prediction of shame in early and middle childhood. *Merrill-Palmer Quarterly (1982-)*, 500-528.
- Noon, E. J. (2018). Interpretive phenomenological analysis: An appropriate methodology for educational research. *Journal of Perspectives in Applied Academic Practice*, 6(1), 75-83. <https://doi.org/10.14297/jpaap.v6i1.304>
- Oei, A., Chu, C. M., Li, D., Ng, N., Yeo, C., & Ruby, K. (2021). Relationship between adverse childhood experiences and substance use in youth offenders in Singapore. *Child Abuse & Neglect*, 117, 105072. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105072>
- Papalia, N., Dunne, A., Maharaj, N., Fortunato, E., Luebbers, S., & Ogloff, J. R. (2022). Determinants and outcomes of the therapeutic alliance in treating justice-involved youth: A systematic review of quantitative and qualitative research. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 25(4), 658-680. <https://doi.org/10.1007/s10567-022-00407-2>
- Pardini, D. A., Lochman, J. E., & Powell, N. (2007). The development of callous-unemotional traits and antisocial behavior in children: are there shared and/or unique predictors?. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 36(3), 319-333. <https://doi.org/10.1080/15374410701444215>
- Perry, B. D., Pollard, R. A., Blakley, T. L., Baker, W. L., & Vigilante, D. (1995). Childhood trauma, the neurobiology of adaptation, and “use-dependent” development of the brain: How “states” become “traits”. *Infant mental health journal*, 16(4), 271-291. <https://doi.org/10.1002/1097-0355>
- Pinto, R. J., Fernandes, A. I., Mesquita, C., & Maia, A. C. (2015). Childhood adversity among institutionalized male juvenile offenders and other high-risk groups without offense records in Portugal. *Violence and victims*, 30(4), 600-614.

<http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00002>

Pinto-Gouveia, J., & Matos, M. (2011). Can shame memories become a key to identity?

The centrality of shame memories predicts psychopathology. *Applied Cognitive*

Psychology, 25(2), 281-290. <https://doi.org/10.1002/acp.1689>

Porges, S. W. (2007). The polyvagal perspective. *Biological psychology*, 74(2), 116-

143. <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2006.06.009>

Ray, J. V. (2018). Developmental patterns of psychopathic personality traits and the

influence of social factors among a sample of serious juvenile offenders. *Journal*

of Criminal Justice, 58, 67-77. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.07.004>

Ribeiro da Silva, D., Castilho, P., Miguel, R., Paulo, M., Gilbert, P., & Rijo, D., (*in*

press). *PSYCHOPATHY.COMP: An individual Compassion-based*

psychotherapeutic intervention for the treatment of antisocial behavior and

psychopathic traits. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro da Silva, D., Salekin, R. T., & Rijo, D. (2019a). Psychopathic severity profiles:

A latent profile analysis in youth samples with implications for the diagnosis of
conduct disorder. *Journal of criminal justice*, 60, 74-83.

<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.12.003>

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., Brazão, N., Paulo, M., Miguel, R., Castilho, P., Vagos.,

P., Gilbert., P., & Salekin, R. T. (2021). The efficacy of the PSYCHOPATHY.

COMP program in reducing psychopathic traits: A controlled trial with male
detained youth. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 89(6), 499.

<https://doi.org/10.1037/ccp0000659>

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., Castilho, P., & Gilbert, P. (2019b). The efficacy of a

compassion-focused therapy-based intervention in reducing psychopathic traits

and disruptive behavior: A clinical case study with a juvenile detainee. *Clinical*

Case Studies, 18(5), 323-343. <https://doi.org/10.1177/1534650119849491>

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2012). Child and adolescent psychopathy: A state-of-the-art reflection on the construct and etiological theories. *Journal of Criminal Justice*, 40(4), 269-277.

<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2012.05.005>

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2013). Child and adolescent psychopathy: Assessment issues and treatment needs. *Aggression and violent behavior*, 18(1), 71-78. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.10.003>

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2015). The evolutionary roots of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, 21, 85-96.

<https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.01.006>

Rijo, D., Brazão, N., Barroso, Ribeiro da Silva, D., Vagos, P., Vieira, A., Lavado, A. & Macedo, A. M. (2016). Mental health problems in male young offenders in custodial versus community based-programs: Implications for juvenile justice interventions. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 10, 1-12.

<https://doi.org/10.1186/s13034-016-0131-6>

Rijo, D., Ribeiro da Silva, D., Paulo, M., Ramos Miguel, R., Castilho, P., Vagos, P., & Gilbert, P. (2023). Promoting a compassionate motivation in detained youth: A secondary analysis of a controlled trial with the PSYCHOPATHY. COMP program. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*.

<https://doi.org/10.1037/per0000594>

Salekin, R. T. (2017). Research review: What do we know about psychopathic traits in children?. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58(11), 1180-1200.

<https://doi.org/10.1111/jcpp.12738>

Salekin, R. T., & Lochman, J. E. (2008). Child and adolescent psychopathy: The search

for protective factors. *Criminal Justice and Behavior*, 35(2), 159-172.

<https://doi.org/10.1177/0093854807311330>

Saltaris, C. (2002). Psychopathy in juvenile offenders: Can temperament and attachment be considered as robust developmental precursors?. *Clinical psychology review*, 22(5), 729-752. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(01\)00122-2](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(01)00122-2)

Schauer, M., & Elbert, T. (2015). Dissociation following traumatic stress. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*. <https://doi.org/10.1027/0044-3409/a000018>

Siegel, D. J. (2020). *The developing mind: How relationships and the brain interact to shape who we are*. Guilford Publications.

Sousa, R., Petrocchi, N., Gilbert, P., & Rijo, D. (2022). Unveiling the heart of young offenders: Testing the tripartite model of affect regulation in community and forensic male adolescents. *Journal of Criminal Justice*, 82, 101970.

<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2022.101970>

Sousa, R., Ribeiro da Silva, D., Petrocchi, N., Gilbert, P., & Rijo, D. (2023). At the heart of change: Differences in young offenders' HRV patterns after the delivery of the PSYCHOPATHY. COMP program. *Frontiers in Psychiatry*, 13, 1032011.

<https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.1032011>

Spitzer, C., Barnow, S., Freyberger, H. J., & Grabe, H. J. (2006). Recent developments in the theory of dissociation. *World psychiatry*, 5(2), 82.

Steindl, S. R., Kirby, J. N., & Tellegan, C. (2018). Motivational interviewing in compassion-based interventions: Theory and practical applications. *Clinical Psychologist*, 22, 265-279. <https://doi.org/10.1111/cp.12146>

Tan, B. P., Zuraini, J. O., & Noor Banu, M. N. (2019). Examining family and school factors as predictors of delinquency: A study of juvenile offenders, at-risk students, and low-risk students in Malaysia. *Asian Social Work and Policy*

Review, 13(2), 146-158. <https://doi.org/10.1111/aswp.12165>

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International journal for quality in health care: journal of the International Society for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357.

<https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>

Viding, E., & McCrory, E. J. (2012). Why should we care about measuring callous–unemotional traits in children?. *The British Journal of Psychiatry*, 200(3), 177-178. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.111.099770>

Wang, S. (2005). A conceptual framework for integrating research related to the physiology of compassion and the wisdom of Buddhist teachings. *Compassion: Conceptualisations, research and use in psychotherapy*, 75, 120.

Weerman, F. M. (2010). Delinquency after secondary school: Exploring the consequences of schooling, working and dropout. *European Journal of Criminology*, 7(5), 339-355. [10.1177/1477370810373729](https://doi.org/10.1177/1477370810373729)

World Medical Association. (2013). World Medical Association Declaration of Helsinki: ethical principles for medical research involving human subjects. *Jama*, 310(20), 2191-2194.

Wolff, K. T., Cuevas, C., Intravia, J., Baglivio, M. T., & Epps, N. (2018). The effects of neighborhood context on exposure to adverse childhood experiences (ACE) among adolescents involved in the juvenile justice system: Latent classes and contextual effects. *Journal of youth and adolescence*, 47, 2279-2300.

<https://doi.org/10.1007/s10964-018-0887-5>

Anexo 1

Entrevista semiestructurada

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA JOVENS - PSYCHOPATHY.COMP

N.º: _____ Idade: _____ Escolaridade: _____ Profissão: _____
 Estado Civil: _____ Local entrevista: _____ Duração entrevista: _____

Questões iniciais

- Que idade tinhas no teu primeiro contacto com o Sistema de Justiça Juvenil (SJJ)? ____ anos. Com que estrutura? _____. Com que idade entraste/saíste do Centro Educativo (CE)? ____ anos.

Antes do contacto com o SJJ (Nádia)

As perguntas que te vou fazer agora são relativas às tuas experiências antes do primeiro contacto com o SJJ, ou seja, antes dos ____ anos:

- O que é que achas que na tua vida foi acontecendo para teres entrado em contacto com o SJJ? *Consegues explicar melhor?* (coisas/fatores/pessoas, relação/interação com familiares/amigos/colegas/professores).
- Identificas algum fator/alguém que te ajudou/protegeu ou que foi importante para ti? *Consegues explicar melhor?* (coisas/fatores/pessoas, relação/interação com familiares/amigos/colegas/professores).

SJJ até entrar no CE (Francisca)

As próximas perguntas que te vou fazer são relativas às tuas experiências com o SJJ até entrares no CE, ou seja, entre os ____ e os ____ anos:

- Recordas-te de sentir obstáculos/dificuldades nessa fase? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (polícia/tribunal/advogados, comportamento da família/amigos/professores...).
- Nessa fase, achas que houve algum fator/alguém que te ajudou/protegeu ou que foi importante para ti? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (polícia/tribunal/advogados, comportamento da família/amigos/professores...).

CE (Francisca)

As próximas perguntas que te vou fazer são relativas às tuas experiências no CE, ou seja, entre os ____ e os ____ anos:

- Existiram pontos negativos da tua experiência no CE? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (coisas/pessoas/fatores)
- Identificas algum fator/alguém que te facilitou a passagem pelo CE, que tenhas sentido que te ajudou/protegeu? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (coisas/pessoas/fatores)

Depois de sair do CE (Marília)

As perguntas que te vou fazer agora são relativas às tuas experiências depois de saíres do CE, ou seja, depois dos ____ anos:

- Recordas-te de sentir algum tipo de dificuldades/obstáculos depois de saíres do CE? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (serviços/fatores/pessoas: reinserção/justiça, programas, amigos, familiares, técnicos)
- Identificas algum fator/alguém que te tenha ajudado nesse processo? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (serviços/fatores/pessoas: reinserção/justiça, programas, amigos, familiares, técnicos)

PSYCHOPATHY.COMP

Até aqui fomos falando de fatores que consideras que foram protetores ou de risco ao longo de diferentes fases da tua vida. Sei que na tua passagem no CE tiveste consultas de psicologia (PSYCHOPATHY.COMP/TAU) com a/o _____ (psicólogo/a). Vou agora pedir a tua opinião sobre o eventual impacto dessas consultas em diferentes fases da tua vida:

- Sentes que as consultas alteraram a forma como vês a tua história de vida até ao primeiro contacto com o SJJ? (ou seja, até aos ____ anos) Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (relação com os familiares, amigos, forma como passou a ver as coisas).
- Sentes que as consultas alteraram a tua visão do SJJ/CE e/ou influenciaram a tua experiência no CE? (ou seja, do ____ aos ____ anos) Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (relação com os familiares, amigos, forma como passou a ver as coisas).
- Sentes que essas consultas te prepararam para a saída do CE e regresso à sociedade? Se sim, consegues dar exemplos? *Consegues explicar melhor?* (relação com os familiares, amigos, forma como passou a ver as coisas).

Final

Agora, para terminar, na tua opinião, ao longo de todo o teu percurso até aqui:

- O que achas que mais te fez falta e/ou mais contribuiu para o teu contacto com o SJJ? (e Justiça criminal no caso de reincidência)
- O que mais te marcou pela positiva/foi protetor?
- O que é que mudarias no SJJ? E porquê/para quê? (desde a polícia, tribunais, CE)
- Há mais alguma coisa que queres dizer ou alguma pergunta que queres fazer?